

# **A PROBLEMÁTICA DA ESCRITA DOS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO NA GUINÉ-BISSAU: UMA ANÁLISE DAS REDAÇÕES DE EXAMES DE ADMISSÃO DA UNILAB<sup>1</sup>**

**Heráclito Adende Gomes da Silva<sup>2</sup>**

## **RESUMO**

Vivemos numa sociedade em que escrita se torna obrigatória e indispensável para a convivência social. Tudo depende da escrita inclusive na educação. As provas, os exames são todos apresentados na forma escrita. Isso significa que a escrita passou a ter um valor importante, inclusive no ingresso ao ensino superior, daí que se questionam quais são os principais erros cometidos pelos estudantes guineenses ao escrever uma redação acadêmica? Partimos das discussões de Cagliari (2009), de Coulmas (2014), de Timbane e Souza (2018), Xavier (2009), Andrade (2000) entre outros teóricos. O presente artigo tem como finalidade identificar os principais erros da escrita nas redações dos estudantes do ensino médio na Guiné-Bissau (GB), além disso apresentar sugestões metodológicas para a prática da escrita. Especificamente a pesquisa visa, a) analisar os erros na escrita das redações de alunos guineenses de ensino médio ingressantes na UNILAB no ano de 2022; b) descrever os principais erros cometidos pelos alunos guineenses nas redações; c) propor estratégias para melhoria da escrita da redação dos estudantes do ensino médio. Trata-se de uma pesquisa quantitativa que coletou 40 redações de estudantes guineenses de ensino médio concursantes ao ingresso na UNILAB. As redações foram analisadas atendendo os seguintes itens: a) Erro por falta de acento ou til; b) Erro por falta ou troca de letra; c) Erro por excesso de letras; d) Erro por falta de pontuação; e) Erro pelo uso do anterior Acordo Ortográfico (AO) (1945). Da pesquisa se identificou 425 erros, sendo os mais comuns os “Erros por falta de acento ou til” (153 casos) e “Erros por falta ou troca de letra (172 casos). Da pesquisa se concluiu que os erros perturbam a compreensão da redação, denunciam a fraqueza do escritor, demonstram o desconhecimento do novo Acordo Ortográfico e revelam a fraca formação no ensino médio. Propõe-se que o ensino secundário da Guiné-Bissau possa valorizar mais a escrita, que é a base de toda a formação acadêmica. Que as atividades de correção ortográfica não sejam apenas para os professores de língua portuguesa. Entendemos que os professores das outras disciplinas devem e podem participar contribuindo para a melhoria da qualidade da produção escrita dos alunos do ensino secundário.

**Palavras-chave:** redação; ensino médio - Guiné-Bissau; escrita.

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação do Prof. Dr. Alexandre António Timbane.

<sup>2</sup> Graduando em Humanidades pela UNILAB.

## RUSUMU

No na vivi na mandjuandadi nunde ki skrita torna cedu obrigasom ika pudi falta pano pudi vivi dia-dia na mandjuandadi. Tududu ta dipindi di skrita ate na idukasom. Probas ita fasidu na forma di skrita. Es significa ki skrita passa na tene un balur importanti, ate na entrada di nsinu, mas garandi, li ku no ta punta kal ki yara ku alunas guineensis, mas ta fasi pa skrivi na redesom pa skola? No na bai pa diskuti de Cagliari (2009), di Coulmas (2014), di Timbane i Sousa (2018), Xavier (2009), Andrade (2000) i utrus tioricus. E tarbadju di Artigo i tene sintidu na mostra yara na skrivi na redesom di alunas di nsinu mediu na GB, fora des mostra considju na midida na pratica skrita. E tarbadju na tenta mostra a) djubi yara na ora di skrivi na redesom de alunas guineensi di nsinu mediu pa entra na UNILAB na ano di 2022, b) diskirvi yara ku mas ta odjadu na redasom di alunas guineensis, c) pui manera pa mindjoria skrita di redesom di alunas guineensi di nsinu mediu. Ina trata de um tarbadju de mangadel nunde ku no cudji 40 redesom di alunas guineensi di nsinu mediu ki na luta entra na UNILAB. Redesom djubido di un forma nunde ki odjado manga de kusas: a) yara pabia ika pui acento utru pabia ika pui til, b) yara pabia ika pui letra o i muda letra, c) yara pabia i pui manga di letra, d) yara pabia ika pui punto, e) yara pabia i skirvi ku letra di akordu di skirvi bem (1945). Na tarbadju no odja 425 eru, nunde ke mas yara, yara pabia eka pui acento ku til (153 eru) i yara pabia eka pui letra o i muda letra (172 eru). Na tarbadju no tchiga conclusom di kuma eru na kansa pa no ntindi redasom, e konta nunde ku kim ku skrivi fracu nel, i mostra kuma kuma eka kungsi nobo akordu di skrivi bem i konta kuma nsinu mediu i fracu. I pui kuma nsinu secundario di GB pudi da balur mas pa skrita ki i bas di tududu formação di skola. Es atividades di curji skrivi bem ika cedu so pa pursoris di língua purtugis. No ntindi di kuma pursoris di utrus disciplinas e dibidi i e pudi mati na djuda pa mindjoria bom skirvi de alunas nsinu secundario.

**Palabras-tchabi:** redesom; nsinu mediu - Guiné-Bissau; skrita.

## 1 INTRODUÇÃO

A Guiné-Bissau (GB) fica situada na Costa Ocidental da África, fazendo fronteira com a República do Senegal, ao Norte, a República de Guiné-Conacri, ao Sul e o Oceano Atlântico, ao Leste. O país proclamou a independência em 1973. O país possui 36.125 km<sup>2</sup> de área, com uma população estimada de 2 milhões de habitantes, segundo o Censo do Instituto Nacional de Estatística (INE, 2024). A educação formal na GB merece uma reflexão profunda no que tange a qualidade de ensino da escrita em língua portuguesa. Sabe-se que a escrita é a porta de ‘entrada’ (exame de admissão/ENEM) e de ‘saída’ (TCC) do estudante do ensino superior. Toda a formação superior ocorre com base na produção escrita: resenhas, resumos,

slides, provas, exames, TCC, dissertações, teses, trabalho do fim da disciplina, pôster, etc. Mas a aprendizagem da escrita ocorre na creche, no ensino primário e secundário.

O ensino secundário da Guiné-Bissau apresenta lacunas nas produções escritas dos diversos gêneros acadêmicos e que uma boa produção textual só pode ter bons resultados se houver uma tomada de consciência por parte dos professores e uma dedicação profunda dos estudantes. Os estudos de Ié (2018), Gomes (2021), Cá (2019), Namone e Timbane (2018) demonstram que a educação guineense precisa de abandonar a metodologia tradicional apostando num ensino libertador que oferece autonomia ao aluno, especialmente na produção escrita. Ensinar a escrever é um desafio porque mobiliza vários conhecimentos teóricos e práticos. Soares (2009, 2018) argumenta que a **alfabetização** (ação de ensinar/aprender a ler e a escrever) e o **letramento** (estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita) estão presentes no cotidiano e são fundamentais para a vida em sociedade.

O que se observa na GB é que “a maioria das crianças na GB (85%) não têm um livro em casa. Tanto meninos como meninas, dentro e fora da escola raramente têm livros em casa. Apenas entre crianças cujas mães frequentaram o ensino superior a percentagem sem nenhum livro em casa cai para menos da metade (44%)” (UNICEFF, 2021, p. 42). Para além disso, o mesmo documento mostra que as taxas de conclusão no ensino secundário são também baixas, chegando a 11% no total, sendo maiores na zona urbana 19%. Em muitos momentos, a educação se torna um desafio porque a qualidade de educação é fraca, o que proporciona “fortes desigualdades no país, sobretudo ligadas ao nível de riqueza dos agregados familiares, local de residência, género e etnia das crianças” (UNICEFF, 2021, p. 7).

Para além disso, “a cada nível de educação, as taxas de conclusão são mais elevadas para crianças que vivem no meio urbano, com famílias mais ricas e para algumas etnias em particular, como por exemplo a etnia Mancanha, que tem uma taxa de conclusão de 59% no 1º e 2º ciclos do ensino básico, sendo que a média nacional é de 27%<sup>8</sup>. É no nível secundário que as desigualdades se tornam mais importantes” (UNICEFF, 2021, p. 7). De acordo com Rodrigues (2024, s. p.), a educação na GB tem demonstrado baixa qualidade do ensino-aprendizagem em quase todos os níveis. O projeto pedagógico ainda está no processo de desenvolvimento, há falta de materiais didáticos, há falta de infraestruturas, e a formação de professores ainda apresenta falhas tanto na metodologia quanto nos conteúdos.

As condições de trabalho são tão ruins, a situação pessoal do professor é tão problemática, do ponto de vista de sua formação, do salário, das possibilidades de se atualizar, que não há método, apostila ou livro que possa resolver o problema daqueles alunos que não

aprendem (Cagliari, 1999). A resolução dos problemas de aprendizagem passa necessariamente pela mudança das políticas públicas de educação. O maior desafio do aluno da escola pública, é a ausência do Governo (e não do Estado) nas políticas de educação. Segundo Rodrigues (2024, s.p.) “o setor de ensino da GB é mais atingido devido aos conflitos políticos sucessivos, greves constantes dos professores, falta de infraestruturas e de docentes, escassez de recursos, de materiais básicos para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem”.

A escrita tem papel muito importante no mundo globalizado e a tradição oral continua tendo o seu papel na informalidade. A escrita está tendo maior prestígio na formalidade, na burocracia. Por exemplo, não basta afirmar que “meu nome é fulano”. Você precisa mostrar um documento onde está escrito o nome, só daí as pessoas acreditam. A escrita permite a redação de leis e documentos oficiais (Decretos, Portarias, Constituição, Declaração, avisos, etc.). Por isso, o seu ensino nas escolas tem de ser feito de forma eficiente, para que os jovens consigam responder às demandas do mundo profissional. Toda a escrita tem mais validade e ocupa um espaço mais preponderante na sociedade. É justamente nesta questão, que nos propomos a estudar como os alunos do ensino médio da Guiné-Bissau escrevem as redações respeitando o Acordo Ortográfico, que é uma lei e que deve ser respeitado por todos.

De acordo com Cagliari (2009), a escrita é uma arte e tecnologia descoberta pelo homem. Os processos da produção escrita exigem do escrevente conhecimentos linguísticos e sobretudo da ortografia a utilizar. A escrita não apenas tem letras do alfabeto, mas também tem símbolos, acentos e outras marcas que acompanham. A leitura e a escrita caminham sempre juntos e mobilizam partes importantes do cérebro. De acordo com Amorim et al. (2016) “a fim de converter ideias em palavras escritas, os processos centrais da linguagem escrita partem da semântica, ou seja, do conhecimento do significado das palavras. Estes processos mais centrais são seguidos por componentes periféricos que envolvem a elaboração de planos de motores específicos para cada modalidade de escrita, como a escrita manual, digitação e a soletração”. (Amorim *et al.*, 2016)<sup>3</sup>. Sabemos que a escrita é muito importante no mundo moderno, e a escola tem um papel importante no ensino da escrita. Olhando para essa perspectiva, questiona-se: quais são os principais erros cometidos pelos estudantes guineenses ao escrever uma redação acadêmica?

Partimos da hipótese de que os erros da escrita nas redações dos estudantes do ensino médio da Guiné-Bissau ocorrem pela falta de prática da escrita e da ausência de

---

<sup>3</sup> Disponível em: [https://neuropsicola5tina.org/index.php/Neuropsicologia\\_Latinoamericana/article/view/260](https://neuropsicola5tina.org/index.php/Neuropsicologia_Latinoamericana/article/view/260)

discussões sobre a complexidade da escrita, em sala de aula. A segunda hipótese é a de que os alunos do ensino médio na Guiné-Bissau cometem erros nas redações porque não dominam o novo Acordo Ortográfico, que não é ensinado de forma sistemática nas escolas do país. A terceira hipótese sugere que os principais erros nas redações ocorrem pelo descuido com a pontuação fato que prejudica o texto como um todo.

O presente artigo tem como finalidade identificar os principais erros da escrita nas redações dos estudantes do ensino médio na Guiné-Bissau, além disso apresentar sugestões metodológicas para a prática da escrita. E nos objetivos específicos a pesquisa vai: a) analisar os erros na escrita das redações de alunos guineenses egressos de ensino médio, ingressantes na Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (doravante UNILAB) no ano de 2022; b) descrever os principais erros cometidos pelos alunos guineenses nas redações; c) propor estratégias para melhoria da escrita da redação dos estudantes do ensino médio.

A pesquisa se justifica pelo fato da escrita ser importante no mundo globalizado e pela sua relevância no setor da educação. A pesquisa se justifica pelo interesse pessoal e pela necessidade de compreender a problemática da escrita dos estudantes do ensino médio na Guiné-Bissau, visto que, o sistema de ensino guineense enfrenta enormes dificuldades no que refere aprendizagem da escrita. Este facto é verificado nas redações de exame de admissão dos estudantes guineenses do ensino médio na UNILAB. A pesquisa convida os novos pesquisadores para reflexões sobre as novas formas de ensinar a escrita, mas também chama atenção dos professores da UNILAB a ponto de poderem lidar com os erros que estão sendo cometidos pelos alunos guineenses na produção escrita de gêneros acadêmicos na universidade. A pesquisa tem uma relevância política porque chama atenção às políticas educacionais da GB para valorizar um ensino de qualidade que realmente produz estudantes capazes de redigir textos sem cometimento de erros graves.

Este artigo inicia abordando os conceitos básicos sobre a escrita e promove discussões acerca da história e dos tipos de escrita. A seguir, o artigo fala da importância da escrita na sociedade que é um fenômeno a não descartar especialmente nas escolas onde todo o processo de ensino e avaliação é feito de forma escrita. Saber ler é uma obrigação para todo cidadão, especialmente nas zonas urbanas onde é necessário saber ler as placas de ônibus ou metrô, identificação de locais e outras instruções cívicas. Daí que o letramento é fundamental. A seguir, o artigo faz discussão acerca do Acordo Ortográfico que é fundamental para a produção da escrita. Nesta parte fica claro que o objetivo da ortografia é a escrita e a leitura. O Acordo Ortográfico (AO) aparece como uma Lei que obriga que todos escrevam segundo o

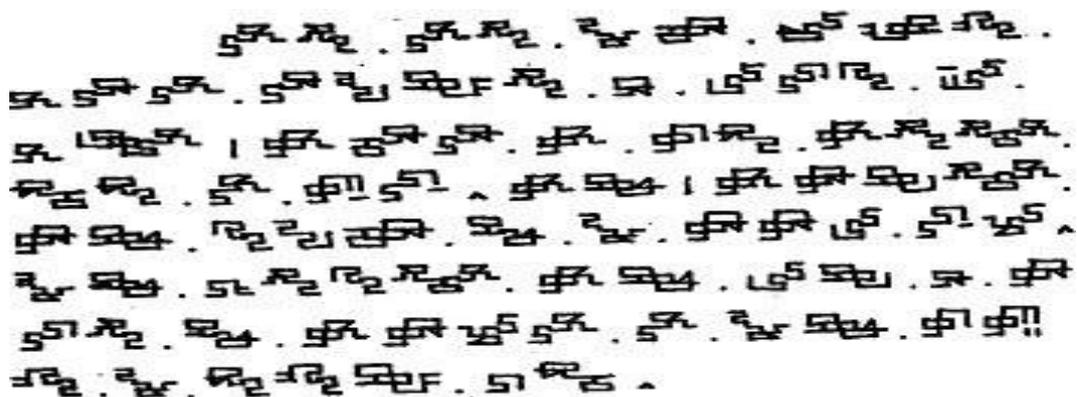
acordo. É nesta parte que se discute a noção de erro, pois o erro só se verifica quando houver Acordo. Os países podem recusar acordo e seguir o seu próprio caminho. Não há nenhum impedimento, só que as consequências políticas e culturais podem recair no resto da população. A seguir, o artigo apresenta a metodologia e as análises dos dados recolhidos. O artigo termina apresentando as considerações finais e as referências utilizadas.

## 2 CONCEITOS BÁSICOS SOBRE A ESCRITA E DISCUSSÕES TEÓRICAS

Ler e escrever é uma atividade que foi incumbida à escola. Cabe à escola estabelecer caminhos metodológicos que permitem que os alunos terminem o ciclo de estudos sabendo ler e escrever. O principal envergonhado quando o aluno termina o ensino médio sem saber ler e escrever, é a escola, pois a sociedade confiou à escola a tarefa de ensinar os alunos. De acordo com Timbane e Wasse (2021), a escrita é um conjunto de códigos, de símbolos convencionados que permitem representar a língua, na modalidade escrita. O alfabeto é um conjunto de signos num sistema de escrita.

As línguas foram inventadas para ser faladas. A escrita é muito recente e é considerada como uma tecnologia moderna do homem. Nem todas as línguas possuem a tradição escrita. Muitas delas ainda continuam neste século XXI sem escrita. Por vezes essas línguas não inventam um alfabeto próprio, quer dizer, aproveitam-se do alfabeto já existente para adaptar nas suas línguas. Na República Democrática de Congo, a língua mandombe tem o seu próprio alfabeto, como se pode observar na Figura 1 a seguir:

Figura 1 - Escrita da língua mandombe



Fonte: Radio Okapi (2011, s.p.)

Na África tem várias outras formas de escrita, especialmente na região Norte com alfabetos muito bem peculiares. A origem do alfabeto da língua portuguesa vem do alfabeto latino, também chamado alfabeto romano. Ele se divide em duas partes: vogais e consoantes. Mas quando e como surgiu a escrita? De acordo com Sampaio (2009), é possível que tudo tenha começado por volta de 3.300 a.C., na Mesopotâmia (Sul do Iraque e Sudoeste do Irã atuais), quando os funcionários inventaram um meio de arquivar o pagamento dos impostos, anotando na argila a quantidade dos gêneros e mercadorias e sua natureza. Assim nasceram os primeiros sinais gráficos: números para as quantidades, desenhos (mulher, carneiro, espiga...) para as coisas. Nos cinco séculos seguintes foi se desenvolvendo a escrita cuneiforme. Para o Sampaio (2009), a sociedade se organizou em torno da escrita: administração, escrita privada, escolas do templo e bibliotecas. Surgiu a literatura escrita, com anais, mitos, textos jurídicos, médicos, matemáticos e outros. “Há cerca de 5000 anos, no Egito, os escribas gravaram na pedra curiosos desenhos, que escreviam também em folhas feitas do caule do papiro. Essas pequenas imagens eram hieróglifos, a escrita egípcia, indispensável à leitura dos textos sagrados e à prática da religião”. (Sampaio, 2009, p. 35).

Por meio desta abordagem podemos afirmar que a escrita foi se adaptando ao longo dos tempos. Nem todas as sociedades se preocupam com a escrita. Os khoisan (especialmente em Angola) ainda possuem várias línguas ágrafas. Foi no Egito onde começaram os primeiros passos ou as primeiras escritas e também na Mesopotâmia que é o atual Sul de Iraque e Sudoeste do Irã atuais. A escrita surge da necessidade de registrar ideias, muitas delas proferidas oralmente. Os historiadores acreditavam que os registros escritos eram recursos essenciais para conhecer a vida dos povos do passado, mas hoje a escrita está tão sofisticada que precisamos no cotidiano tal como a fala é. Os gêneros escritos nas redes sociais reproduzem a fala e não dependem do AO.

Há que referir que a caligrafia é outra engenharia que varia de pessoa para a pessoa. A caligrafia é tida como única para cada escritor. Ninguém escreve igual ao outro. Em Linguística Forense ou na Documentoscopia, consegue-se comprovar a autenticidade ou falsidade de um escrito porque a escrita é individual. Pode-se equiparar a escrita com a voz. A voz é individual e única. Ninguém tem uma voz igual ao outro. A escrita também é assim. Ninguém consegue ter um traçado da letra, de sílabas, de palavras e de frases igualzinho com o outro. Uma letra como “A” tem várias formas de escrever manual tanto digitalmente.

Os principais tipos de escrita são: cuneiformes, hieróglifos, pictográfica, ideográfica e a alfabética (composta por 22 letras). (i) A **fase cuneiforme** é a forma de escrita mais antiga conhecida, usada pela primeira vez há mais de 5 mil anos. Acredita-se que ela seja anterior

aos hieróglifos egípcios. (ii) A **fase hieroglífica** recorria afinal a signos que evocavam determinadas facetas da vida nilótica. A escrita hieroglífica imitava a vida e era esta característica que estava na origem do seu forte valor simbólico. (iii) A **fase pictórica** corresponde aos desenhos ou pictogramas, os quais não estão associados a um som, mas à imagem daquilo que se quer representar. Consistem em representações bem simplificadas dos objetos da realidade. Aparecem em inscrições antigas, mas podem ser vistos de maneira mais elaborada na escrita asteca e, mais recentemente, nas histórias em quadrinhos. (iv) A **fase ideográfica** é representada pelos ideogramas, que são símbolos gráficos que representam diretamente uma ideia, como, hoje em dia, certos sinais de trânsito. (v) A **fase alfabética** se caracteriza pelo uso de letras, as quais, embora tenham se originado nos ideogramas, perderam o valor ideográfico e assumiram uma nova função de escrita: a representação puramente fonográfica. O ideograma, por sua vez, perdeu seu valor pictórico e passou a ser simplesmente uma representação fonética (Andrade, 2000, p. 1).

Os estudos de Higounet (2003), Corrêa (2004) e Coulmas (2014) mostram que a escrita é uma atividade psicológica e depois física. A escrita reside na mente, e a mão, caneta e papel reproduzem ou materializam. Esse registro é composto por códigos os quais é necessário decodificar. Desta forma, “a escrita não é apenas um procedimento destinado a fixar a palavra, um meio de expressão permanente, mas também dá direto ao mundo das ideias, reproduz bem a linguagem articulada, permite ainda apreender o pensamento e fazê-lo atravessar o espaço e o tempo” (Higounet, 2003, p. 10).

A escrita é um código que precisa de ser decodificado. O ato de ler corresponde ao momento de decodificação. Na escrita ocorre a comunicação, onde utilizamos os símbolos gráficos, ou seja, as letras para representarmos palavras, frases e ideias. Na “escrita”, registramos a história no tempo e no espaço, apresentamos as formas de expressão humana que têm um papel fundamental na transmissão de conhecimentos, de aspectos culturais ao longo dos séculos. Tudo indica que escrita busca descrever o passado, tem foco no registro, pois não é possível ler o que ainda não foi escrito enquanto que a “fala” foca no presente, no momento atual. Precisamos que alguém escreva para que possamos ler. A pessoa escreve e depois lemos. Muitas vezes não conhecemos os processos da construção do texto. Apenas visualizamos o resultado.

A escrita pode ser realizada de várias maneiras: a escrita à mão ou ainda por digitação num teclado de computador ou toque durante a utilização de dispositivos eletrônicos, como smartphones e tablets. Independentemente do método utilizado, a escrita permite que as pessoas registrem seus pensamentos, ideias e experiências de forma duradoura (Coelho;

Timbane, 2022). Ora, se fomos ver hoje em dia, as sociedades ou melhor dizendo em humanidade em geral, vamos enxergar o domínio, no mundo em que vivemos quase tudo se passa pela escrita. Olhando para aquilo que são as normas das sociedades, e essas sociedades são reflexos dos sistemas eurocêntricos onde tudo está centralizado na escrita, é a escrita que é a fonte confiável, portanto, a escrita se situa no centro.

Por exemplo, numa delegacia de polícia a notícia-crime (Boletim de Ocorrência) é feita oralmente, mas é necessário que o texto oral seja convertido em texto escrito, para que tenha validade jurídica. O texto oral tem menor valor em sociedades que valorizam a escrita. Escrever e ler são tarefas aprendidas na escola. É a escola que tem a função de ensinar a escrita e a leitura. Tanto a fala quanto a escrita são representações da língua. Por isso, a escola precisa dedicar grande parte de tempo na produção escrita, para que estes estudantes consigam alcançar os anseios que a sociedade exige. Ao saber ler e escrever, o cidadão ganha oportunidades e concorre com mais vantagem comparativamente àquele que é analfabeto. Aliás, o analfabetismo está relacionado ao ato de não saber ler e escrever. O analfabeto é aquele que não sabe ler ou escrever, mesmo que tenha conhecimentos adquiridos na prática da vida por meio da oralidade. A escola tem a tarefa de acabar o analfabetismo, mas ela pode ser a fonte da formação do analfabeto funcional. O analfabeto funcional corresponde ao analfabeto, pois ele não soluciona os problemas e impasses exigidos para o seu nível. O analfabeto funcional está mais para analfabeto do que para o letrado.

Por outro lado, podemos dizer que a escrita é uma competência geralmente aprendida em contexto escolar que recruta sobretudo competências fonológicas na fase da codificação de palavras e competências sintáticas na fase de produção de textos. De acordo com Cagliari (2009), escrever é criar códigos, é codificar, enquanto que a leitura corresponde ao ato de decodificar, quer dizer, de revelar o código. Os problemas da escrita resultam destes processos quando entram em jogo. Ao codificar, espera-se que o outro possa saber decodificar para compreender o que foi codificado.

Marcuschi (1997, p. 126) definiu a escrita como “[...]uma tecnologia de representação abstrata da própria fala, um modo de produção textual-discursiva com suas próprias especificidades”. A língua escrita é aquela que “é usada por escrito com objetivos de comunicação não imediata por sua comunidade de falantes” (Coulmas, 2014, p. 35). O termo sistema de escrita se refere a um tipo abstrato de sistema gráfico. A escrita pode ser ideográfica ou fonográfica. A escrita fonológica é aquela que “representa a linguagem partindo da representação dos seus sons” (Massini-Cagliari; Cagliari, 2008, p. 26).

O objetivo da escrita é a leitura. As leis e diretrizes de base de qualquer país esperam que os alunos saibam ler e escrever de forma consistente, pelo menos até ao ensino secundário. Nunca se espera que os problemas da escrita do ensino primário possam ocorrer no ensino secundário ou superior. A escrita, na verdade, não passa de um uso sofisticado da própria linguagem oral, cristalizada na forma gráfica. (Massini-Cagliari; Cagliari, 2008). Os estudos de Massini- Cagliari e Cagliari (2008) apontam metodologias para ensino de crianças e adolescentes na fase de alfabetização. A obra “Diante das Letras: a escrita na alfabetização” não apresenta ‘remédio’ para adultos. Por isso, precisamos pensar e repensar sobre como apoiar estudantes de ensino superior que têm problemas de escrita muito elementares, que não conseguem aprender a escrever na idade certa.

### **3 A IMPORTÂNCIA DA ESCRITA NA SOCIEDADE**

No que se trata da importância da escrita, podemos assim dizer que a escrita tem grande importância na sociedade, ou seja, no nosso cotidiano, porque ela nos ajuda a compreender e comunicar melhor nas nossas convivências, especialmente nas grandes cidades. Imagine alguém que não sabe ler perdido numa cidade. Tudo pode ficar difícil porque muitas instruções são textos escritos. Há línguas em que se lê da direita para a esquerda, de cima para baixo (ex. árabe, o hebraico, o persa e o urdu) e há línguas que se escreve da esquerda para a direita de cima para baixo (ex. português). Há línguas em que se escreve de baixo para cima em colunas verticais que se desenvolvem da esquerda para a direita (ex. a língua hanunó'o, uma língua indígena das Filipinas).

As direções da escrita resultam de convenções dos autores do Acordo Ortográfico, e não há nada que possa ser difícil quando se aprende. Do mesmo modo que não existem línguas simples e complexas, não existem formas de escrita simples ou complexas. Tudo depende do interesse de quem deseja aprender. Cagliari (2002) é de opinião que os professores alfabetizadores sempre tiveram uma forte inclinação para seguir métodos prontos. Mas é necessário ajustar o currículo à realidade do aluno, porque permitir a leitura significa, em outras palavras, que a ortografia neutralize a variação linguística. O autor defende que ensinar significa não somente dar conteúdos e propor atividades, mas também corrigir e disciplinar, porque é nesse momento que o professor pode identificar as principais dificuldades da escrita dos seus alunos e repensar em formas de ensinar. O problema é que muitos professores corrigem provas para dar nota e não para ajudar para que os alunos reflitam sobre a sua escrita.

Para Cagliari (2002, p.14),

É essencial estimular os alunos a terem dúvidas ortográficas e a expressá-las para que resolvam suas dificuldades. A consulta não só ao professor, mas também a livros e a colegas é sempre uma solução a mais para que o aluno descubra como as palavras são grafadas. A caligrafia da professora e do aluno, o uso de letras maiúsculas e de letras bem impressas ajudam os alunos a não confundirem a forma das letras e a constituição ortográfica das mesmas.

De certo modo, podemos assim dizer que a escrita é fundamental na nossa vida cotidiana e tem uma grande interferência no que se refere a formalidade. Concordamos com Costa, Silva, Vilaça (2013) quando afirmam que a escrita e a leitura fazem parte de nosso cotidiano, de tal forma que hoje parece bastante difícil imaginar nossas vidas sem a linguagem verbal, a não verbal e suas variações. “É indiscutível a importância da escrita para a evolução das sociedades ao longo do tempo e para a construção da atualidade, sem deixarmos de invocar a história dos registros escritos. (Costa; Silva; Vilaça, 2013, p. 121).

A escrita nos permite produzir diversos gêneros: teses, bilhetes, cartas, redações, dissertações, livros, listas telefônicas, revistas entre outros. Na inexistência da escrita, a comunicação se limitaria na oralidade. Andrade diz que o que se pode dizer com total convicção é que a invenção da escrita foi um grande avanço para o desenvolvimento da humanidade, pois ela representa nossas ideias que podem ficar registradas por muitos e muitos anos, diferentemente da fala, que, se não for gravada, brevemente se desvanece. Além disso, o domínio da língua escrita marca o início da História humana. O uso da escrita desenvolveu a comunicação entre os homens, permitindo-lhes remontar as barreiras do tempo na recepção de mensagens, facilitou o intercâmbio de informação, além de ajudar muito no desenvolvimento intelectual do ser humano. (Andrade, 2000, p. 4).

A escrita permitiu o avanço da ciência e das tecnologias (inteligência artificial). A escrita tem validade jurídica se comparado com a fala. Mas também a escrita exclui pessoas. Por isso mesmo, as pessoas reprovam os exames devido aos problemas na escrita. Os estudos de Timbane e Wasse (2021) mostram que a escola não tolera o erro. As hipóteses que a criança faz sobre a escrita fazem parte do processo de aprendizagem. A criança não tem liberdade de tentar, de perguntar, de errar, de comparar, de corrigir, significa que tudo deve ser feito certinho desde o 1º dia de aula. É nesse momento que a escola peca e esses erros são encaminhados até a universidade.

Para escrever, as crianças não precisam estudar/conhecer a gramática. Dar liberdade para que o aluno se autocorrigir já é um bom passo; Dar liberdade para que as crianças

escrevam redações espontâneas não dando muita atenção aos erros ortográficos é um exercício importante para encorajá-los, mas já no ensino secundário os adolescentes precisam de ser mais exigidos. O excesso de controlo da ortografia desvia atenção do aluno assim como o estímulo. Não existe uma única metodologia para o ensino da escrita. O professor é um eterno pesquisador/investigador que deve descobrir o estilo de aprendizagem do aluno. (Timbane; Wasse, 2021). Estas orientações pedagógicas são destinadas a alunos em fase de alfabetização. Então, para alunos do ensino secundário deve-se repensar em outras estratégias de aprendizagem. Esperava-se que os alunos do ensino secundário tenham sido superados erros ortográficos mais elementares. Mas infelizmente, os erros persistem até ao ensino secundário, o que nos preocupa porque chegam no ensino superior e finalmente na atuação profissional.

#### **4 DEBATES ACERCA DO ACORDO ORTOGRÁFICO (AO) E SUA PERIODIZAÇÃO**

Para definirmos o conceito de “AO”, primeiramente precisamos de saber o que é acordo e o que é ortografia. O acordo é um convênio entre duas ou mais partes ou uma resolução premeditada de uma ou mais pessoas ou é o fruto (resultado) de uma negociação ou de um debate. As partes envolvidas expõem os seus argumentos durante as negociações e procuram uma posição comum; ao encontrá-la, chegam a um acordo. Ortografia, segundo Xavier (2009) em seu artigo “A língua portuguesa em evolução: os Acordos Ortográficos”, define-a como algo “artificial, convencional, imposta, ao contrário da língua oral que é natural”. (Xavier, 2009, p. 176). A palavra ortografia provem do grego «orthós» e «graphos». «Orthós» quer dizer “correta” e «graphos» quer dizer “escrita”, logo, quando falamos de ortografia referimo-nos à escrita correta, ou a que ensina a escrever corretamente. ” (Xavier, 2009, p. 176).

O AO é o resultado de negociação de duas ou mais partes de um sistema de uma boa escrita ou de ter a mesma forma de escrita como o que aconteceu entre os países de língua oficial português. A ortografia pode ser dividida em dois grupos: a) ortografia etimológica: quando a escrita procura refletir a história da escrita da língua; b) ortografia fonética: quando as letras mostram uma pronúncia específica de uma determinada variedade (Timbane; Wasse, 2021).

O AO é uma Lei na qual se decidiu como se deve grafar as palavras de uma língua. Não se trata de uma proposta natural, mas sim artificial proposta pelos governos participantes

desse acordo. O AO visa uniformizar para que uma comunidade de fala escreva da mesma forma. Isso significa que a fala é mais livre e suscita variação enquanto que escrita é tratada como uma regra que é obrigatória e apoiada pelas políticas linguísticas. Por exemplo, para escrever a palavra “MESA” sempre será com os as letras M-E-S-A. Não existe um plano “B”. Qualquer tentativa de inserir uma letra diferente, a palavra se torna automaticamente errada. Escrever MEZA com Z está correto sobre o ponto de vista fonológico e errado sob o ponto de vista ortográfico porque o combinado foi que deve ser escrito com S e não Z.

Outro exemplo, na palavra EXITO sempre será com estas cinco letras. A ortografia não deixa para que se insira as letras Z nem U (/EZITU/) apesar de estar certo fonologicamente. Estas questões intrigam que estuda a escrita porque algumas decisões sobre a escrita não têm nenhuma justificativa científica. Não existe nenhuma justificativa científica que justifique que a palavra EXITO se escreva desta forma e não assim: EZITU. Tratou-se de um acordo que em princípio deve ser respeitada pela comunidade de fala. Fica clara a ideia de que a escrita neutraliza a variação (Cagliari, 2009) porque cada um terá a liberdade de pronunciar de acordo com o seu dialeto, mas que a escrita será semelhante para todos os membros da comunidade de fala. Timbane e Uaeca (2018, p. 104), “a artificialidade da escrita se verifica pelo fato de ter uma padronização e AO para além da tendência a seguir a norma- padrão. Cada letra do alfabeto é um desenho. É um desenho planejado, organizado e convencionado entre os usuários de uma língua. É um desenho que carrega significados”, tal como veremos a seguir.

O primeiro é **período fonético** que começa com o aparecimento dos primeiros textos escritos em língua portuguesa no século XII e vai até o século XVI, o segundo é chamado de **período Pseudoetimológico** começou no século XVI e foi até o início de século XX, e o terceiro é chamado de **Histórico-científico** ou **simplificado** começou em 1911 com a reforma ortográfica em Portugal. (Silva, 2009). Os primeiros textos que aparecem são do período que é chamado de “**período fonético**” e onde esse período durou quatro séculos segundo Silva (2009) e também não era muito avançado e também não existia muitas regras e também falta de coerência, no segundo período que é “**período pseudoetimológico**” onde estas se desenvolver um pouco mais em relação ao primeiro período e esse período durou também quatro séculos e o terceiro período que é “**histórico científico** ou **simplificado**” esse período é mais avançado, onde começasse a simplificar e normatizar as palavras e também com reforma de AO.

O primeiro AO partiu da iniciativa da Academia Brasileira de Letras e foi aprovado pela Academia das Ciências de Lisboa, em 1931 e publicado no Diário do Governo nº 120. I Série, de 25 de maio. No entanto, nunca foi posto em prática. O Formulário Ortográfico de

1943, aprovado em 12 de agosto, é um conjunto de instruções estabelecido pela Academia Brasileira de Letras para a organização do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa do mesmo ano. É este documento, com as alterações introduzidas pela Lei 5.765 de 18 de dezembro de 1971, que regulamenta a escrita do português brasileiro até hoje (Ricardo, 2009). Com esse ponto podemos notar que o AO de 1943 com a sua alteração de 1971, não alterou nada na prática. A Convenção Ortográfica Luso- Brasileira de 1945 foi adotado em Portugal, mas não no Brasil. O AO da Língua Portuguesa de 1990 foi um tratado internacional que teve por objetivo criar uma ortografia unificada para o português, a ser usada por todos os países de língua oficial portuguesa. (Ricardo, 2009).

O novo AO foi discutido 1990 foi implementado em 2009 em toda a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) exceto para Moçambique e Angola. Não houve consenso o que promove até hoje debates acalorados. A Academia Angolana de Letras não assinou a ratificação de AO de 2009 porque considera que o acordo não inclui a grafia das línguas angolanas. Filipe Zau (11/10/2018), presidente de Academia Angolana de Letras diz que “ ao colocar o novo Acordo Ortográfico vai trazer dificuldades de aplicação por causa de três questões, onde traz o mais importante que é de unir para que todos os países que falam língua portuguesa têm a mesma ortografia, onde tem muitas regras não permite união” esse é o motivo que os leva a não assinar a ratificação.

### 3.1 O QUE É ERRO DE ORTOGRAFIA?

Para definirmos o erro ortográfico, primeiramente devemos saber o que é ortografia, assim quando sabemos o que é ortografia daí podemos saber o que é erro ortográfico. Ortografia é uma forma ideal de representação das palavras. A ortografia pode ser definida como uma convenção, uma invenção histórica necessária para suprir limitações da notação alfabética e que constitui em si um objeto de conhecimento, o que, em nossa concepção, exige que seja ensinada de modo sistemático na escola.

E o erro ortográfico é a falha que acontece na hora de escrever ou é a falha na forma correta de escrever uma palavra, incluído pode ser de uma forma simples, que nem o escritor percebe, no caso a transcrição fonética, uso indevido de letras, hipercorreção, modificação da estrutura segmental das palavras, juntura e segmentação, forma morfológica diferente, forma estranha de traçar as letras, uso indevido de letras maiúsculas, acentos gráficos, sinais de pontuação, problemas sintáticos e até falta de concordância entre sujeito e verbo. Segundo Fernandes ele divide os erros em dois tipos que são: “os de ortografia natural e os de ortografia

arbitrária”. Os erros de ortografia natural têm uma relação direta com o processamento de linguagem, enquanto os erros de ortografia arbitrária – tanto para a ortografia dependente de regras como para a independente de regras – estão diretamente relacionados com a memória visual, conhecimento de regras ortográficas, léxico e outros aspetos.

O erro ortográfico está relacionado com a caligrafia em alguns casos. Entendamos por caligrafia a arte visual técnica que consiste em traçar uma determinada forma de escrita de forma elegante e regular. O escrito pode conhecer a ortografia, mas se a sua caligrafia é ruim, o seu escrito pode ser julgado negativamente.

**Figura 2 e 3 - Julgamento das redações de acordo com a visibilidade da escrita**

Caligrafia bonita (Redação 11, linha 19-25)	Caligrafia feia (Redação 27, linha 12-17)
19 Entretanto, os problemas que essa situação	12 de teria mais arroz porque as filhas iam
20 pode nos trazer são, a má saúde, porque se va	13 no campo de lavoura.
21 ce não alimenta bem, não vai ter uma boa sai	14 As desvantagens, da carência alimentar
22 da, o fute na vizinhança, pois se você ficar um	15 na Guiné-Bissau e que meias meses
23 dia inteiro sem comer, no dia seguinte tem de	16 de filho traz a febre, isso, traz a carência
24 voltar no fute para cozer um pouco de sustentar	17 imagine-se ter 3 mulheres em casa e ter
25 o seu estomago.	18 12 l. Mas o Rio Verde dá para des todas

Fonte: dados da pesquisa.

Como se pode ver, as caligrafias feias, muitas vezes distorcem o traço da letra e podem confundir o leitor, onde o autor pode falar uma coisa e o leitor lê de uma forma deferente, porque a caligrafia não é dele e também não é legível a ponto de facilitar o leitor. Concluimos esta parte retomando as discussões de Timbane e Uaeca (2018) quando afirmam que a escrita e a leitura nos parecem faces da mesma moeda. Quer dizer, no momento em que lemos, há um processamento dos códigos da escrita mentalmente para que possam produzir um significado. Ao escrevermos, lemos cada uma das letras e cada uma das palavras. Para lermos, não precisamos abrir a boca. Uma leitura silenciosa é uma leitura, e consequentemente, uma decifração de códigos. Podemos ler mentalmente e podemos escrever mentalmente. Quando o sujeito imagina como se escreve uma determinada palavra, ocorre um processo de escrita mental. Essa escrita se materializa com lápis ou caneta e papel, mas já foi escrita mentalmente. A tinta da caneta por cima de um papel é a materialização daquilo que escrevemos anteriormente na mente. (Timbane; Uaeca, 2018).

## 4 METODOLOGIA E ANÁLISE DE DADOS

Para realização da pesquisa utilizamos o método quantitativo. De acordo com Alvares (2021, p. 6) “a organização de uma investigação a partir de métodos quantitativos – seja com recurso a bases de dados já existentes ou a partir da recolha e tratamento de dados primários exige um trabalho sólido de concepção e planeamento da estratégia”. Na pesquisa quantitativa, utilizam-se números, frequências, medidas e propriedades, que auxiliam o pesquisador a delimitar as operações. De acordo com Mussi *et al.* (2019, p. 419) a abordagem quantitativa “aceita que a melhor possibilidade explicativa científica é aquela que não se interessa pelo singular, o individual, o diferenciado, ou seja, o pessoal. Nesta abordagem, o interesse é no coletivo, naquilo que pode ser predominante como característica do grupo”. Na pesquisa quantitativa partimos de dados numéricos para se chegar às conclusões sobre um determinado fenômeno. Na pesquisa quantitativa transformamos dados numéricos em resultados de um determinado fenômeno.

A pesquisa consiste na recolha e análise de 40 redações de estudantes ingressantes da UNILAB. Normalmente os estudantes estrangeiros quando se cadastram para o ingresso na UNILAB realizam uma redação de 30 linhas. As redações foram conseguidas no setor de acolhimento e seleção dos estudantes estrangeiros. Todas as redações não possuem identificação. A única informação disponível é com relação ao país. As redações são da GB e foram feitas por estudantes que já concluíram o ensino médio no país. Sendo assim, acreditamos que o material é adequado para a pesquisa e pode contribuir para a compreensão dos fenômenos dos erros ortográficos em redações. Um dos critérios da avaliação dessa prova de ingresso na UNILAB é a escrita correta, isto é, a ortografia. A escrita errada pode prejudicar o estudante mesmo se este tenha colocado ideias aceitáveis ou justas. Em toda a produção escrita de gêneros acadêmicos não se tolera o erro ortográfico, daí que é pertinente discutir esta temática.

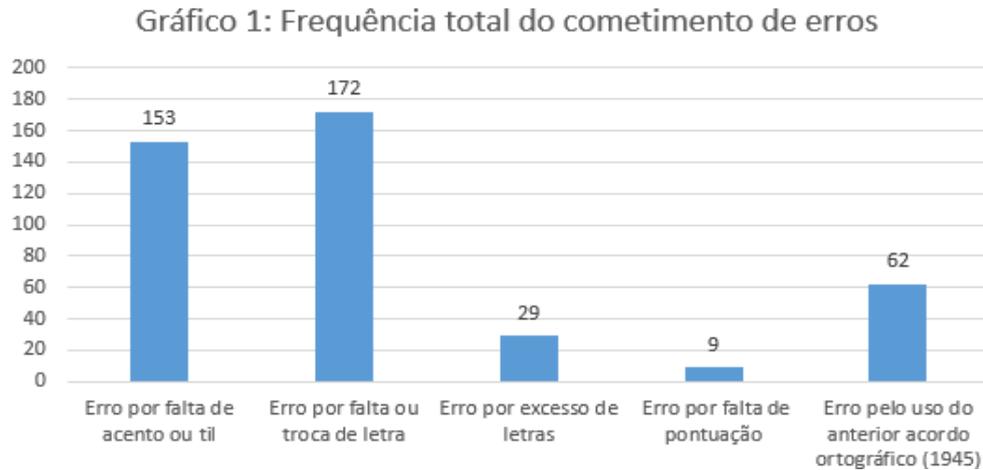
As redações foram codificadas para permitir análises em cada texto. Há que realçar que as análises são manuais analisando texto por texto e anotando os fenômenos em estudo. O critério de seleção é aleatório e dependeu do material que foi recebido. O material estava em formato foto e convertimos para o formato em pdf. Desta forma foi possível sublinhar, marcar e identificar os erros cometidos.

A amostra da pesquisa é representativa e permite obter resultados que foram inferidos para a realidade total, até porque não sabemos de quais províncias ou cidade os estudantes são provenientes. A amostra apresentada nesta pesquisa confere a realidade guineense que busca

compreender os fenômenos em estudo. Os resultados alcançados permitem-nos sugerir caminhos possíveis para o ensino da ortografia de forma mais incisiva nas escolas do país. A amostra em análise nesta pesquisa não distingue estudantes que se formaram em escolas particulares ou públicas. Não tem como saber porque as redações não estão identificadas. Os itens a serem avaliados em cada redação são: a) Erro por falta de acento ou til; b) Erro por falta ou troca de letra; c) Erro por excesso de letras; d) Erro por falta de pontuação; e) Erro pelo uso do anterior AO (1945).

A amostra é representativa e pode ser considerada válida para o universo do estudo, neste caso estudantes de ensino médio na GB. Para os resultados foram realizadas análises estatísticas para se compreender a frequência dos erros para além de se fazer uma reflexão sobre os fenômenos. Criamos um quadro que nos permitiu anotar cada tipo de erro de acordo com os critérios acima apresentados pelas letras a, b, c, d, e. Pedimos ajuda a seis voluntários para nos apoiar na tarefa de identificação. Da análise chegamos aos seguintes resultados.

Todas as redações possuem erros. Não existe uma redação que não teve erros. Isso revela mais uma vez que a questão do ensino da ortografia é importante no ensino secundário. Os professores de língua portuguesa e de outras disciplinas devem ficar atentos aos erros cometidos pelos alunos e promover diálogo de apoio para que esses alunos ultrapassem as dificuldades. Os dados mostram que redações 2, 38 e 39 cometeram mais erros, o que é preocupante para quem passou muito tempo no ensino secundário. Muitos estudantes cometeram erros devido ao “Erro por falta ou troca de letra”, o que corresponde a 40,47% o que é grave se tratamos de estudantes que querem ingressar no ensino superior. Esses erros permanecerão na faculdade se não for remediado por atividades mais contundentes nas disciplinas de “Leitura e Produção de Texto”, “Técnicas de Expressão” ou “Metodologia de pesquisa científica”. Observando o gráfico 1, observa-se essa tendência de cometimento de erros.



Fonte: dados da pesquisa.

Como se pode observar no gráfico, o erro que menos aparece é a “Falta de pontuação”. Significa que os estudantes conseguem apresentar a pontuação esperada em seus textos. Os problemas de colocação de acentos e do til são recorrentes e chamam atenção. Vejamos que 153 casos de “erro por falta de acento ou til”, o que corresponde a 36%. Esse dado nos mostra que pode ser causado por falta de atenção dos estudantes. Muitas vezes realizam o exame estressados e não conseguem reler o texto escrito. Com isso queremos dizer que se os alunos pudessem reler o texto que eles mesmos escreveram teriam descoberto a falta de algum acento ou til.

Os dados da pesquisa mostram também os erros cometidos pelo erro do AO de 1990 que foi implementado em 2009. Sabemos que dois PALOP (Angola e Moçambique) ainda não ratificaram o acordo mais recente, mas esse não é o caso da GB. A GB já implementa, o que significa que não se justifica o cometimento de tais erros. Avançamos a hipótese de que nas escolas secundárias não se discute esta temática. Seria interessante que os professores promovessem aulas de ortografia em que se podia praticar a escrita correta. Escrever não se advinha. Precisa de ser ensinado e aprendido. A prática do dia a dia precisa ser fomentada para que os alunos sejam capazes de escrever corretamente.

Discutimos que a escrita é uma lei e no Acordo não há palavra que tenha duas grafias. Então o aluno não tem opção. Precisa memorizar a forma correta de escrita de uma palavra. Vejamos o caso a seguir da redação 38:

Figura 4 - Trecho da Redação 38

10	riqueza natural destas regiões.
17	A carência alimentar em Guiné-Bissau tem a ver
18	que não acesso regular permanente satisfatória as
19	tradições culturais das pessoas a quem consomem,
20	acerca 80% dos bens alimentares vêm de pequenos
21	produtos agrícolas, por causa de pouca produção
22	que nos levar no a carência dos alimentos.
23	A Guiné-Bissau por causa de bens juracionamento
24	das sua zona verde conservação de biodiversidade

Fonte: dados da pesquisa.

Da linha 17 até a linha 22 percebemos que há uma série de problemas que passam desde a estrutura da frase, o sentido e os erros ortográficos que não deveriam ocorrer naquele nível de ensino (ensino secundário). O texto deveria ter sido escrito assim: **A carência alimentar na GB tem a ver com o não acesso regular pertinente satisfatória as tradições culturais das pessoas que consomem, acerca de 80% dos bens alimentares vêm dos pequenos produtos agrícolas, por causa de pouca produções que nos levam no a carência dos alimentos.**

Na outra redação que é dois (2) podemos ver vários problemas de erro, da linha 1 até linha 5. Deveria estar assim: **A carência alimentar na GB, é um dos problemas que afeta a sociedade guineense. Onde cada indivíduo da sociedade vive menos de um dólar por dia, a má distribuição de renda incapaz de cobrir as despesas familiares.**

Figura 5 - Redação 2

01	A carência alimentar em Guiné-Bissau, é um dos
02	problemas que afeta a sociedade guineense. Onde
03	cada indivíduo da sociedade vive menos de
04	um dólar por dia, a má distribuição de
05	renda incapaz de cobrir as despesas familiares.

Fonte: dados da pesquisa.

E também podemos constatar outro tipo de erro que é erro de falta ou troca de palavras na redação vinte e dois, começando da linha 14 a linha 18, deveria estar escrito assim: **portanto de os nossos governantes sabem como explorar, então isso vai nos ajudar muito, veja no ano passado quantos toneladas que é transportado, íamos sair nesta situação, mas como eles aproveitam essas riquezas com os familiares.**

**Figura 6 - Redação 22**

14	idade de Castanha de Capi. foi tanto se os homens
15	Governante, sabem como explorar então i no Brasil
16	apudat muito, veja <del>na</del> <sup>causado</sup> quantos toneladas, que é
17	transportado, iam e sair nesta situação, mas como
18	eles aproveitam essa riqueza com os seus família,

Fonte: dados da pesquisa.

Há uma relação entre a ortografia e a caligrafia. Em muitos momentos, a ortografia fica prejudicada por causa da caligrafia. Algumas redações estão cheias de borrões. Isso mostra que o aluno hesitou na sua escrita ou ainda não usou o rascunho para ensaiar a sua escrita. Os borrões na escrita revelam que o escritor não tem domínio da escrita ou revelam as incertezas com relação a escrita. A seguir mostraremos alguns casos em que os alunos mostram essas hesitações que tornam a apresentação do texto muito feia. Os borrões de palavras de maior frequência de uso revelam que esse aluno precisa de mais atividades de escrita para que passe a dominar. Os hábitos da leitura ajudam muito no ato de escrever. Quem lê bastante memoriza a grafia das palavras e não pode hesitar nem errar as palavras mais frequentes na escrita. Vejamos alguns exemplos de borrões:

**Figura 7 - Redação 6, linha 13**

12	alimentos, e os <del>indústrias</del> comerciantes os
13	terem dificuldades <del>em</del> <del>disparar</del> los, lo

Fonte: dados da pesquisa.

Neste exemplo, houve hesitação para a escrita da preposição “em”.

**Figura 8 - Redação 22, linha 10 e 11**

10	podemos <del>ai</del> fazer a venda de isso também como out
11	ros e <del>alimento</del> <del>se</del> serve para fazer Varia, transporta
12	que o óleo da palma em grande quantidade.

Fonte: dados da pesquisa.

Neste exemplo, o aluno hesitou várias vezes para escrever a mesma palavra. Neste caso nem se consegue compreender qual é a palavra que o estudante quis escrever. Na linha 10, o estudante apagou o advérbio “ai” para escrever o verbo “fazer”, mas voltou a errar a

escrita do verbo “fazer”. Portanto, há dois borrões na linha 10. Na linha 11, o estudante quis escrever a palavra “amendoim” e errou duas vezes a mesma palavra. Para além dos borrões, o estudante apresenta muitos problemas na acentuação das palavras: também, várias, transformações e óleo. Em três linhas foi possível identificar muitos erros para além de sentido, pois a frase tem problemas de sintaxe.

**Figura 9** - Redação 39, linha 23, 24 e 27

23	na agricultura para <del>podese</del> combater a carência. <del>Devem</del>
24	fornece as máquinas de grande potências. Deve-se
25	também apoiar os carenciados, na forma de poder
26	acabar com ela <del>uma</del> vez para sempre como os
27	outros países. Espera-se que haja o <del>(sentimento)</del> sentimento aos

Fonte: dados da pesquisa.

Aqui nesta redação, na linha 23 o estudante escreveu a palavra “podesse” e depois borrou para escrever a palavras “poder”. Na mesma linha, o estudante escreveu a palavra “devem” e depois alterou para escrever a palavra “deve-se.” Na linha 24 há borrões nas palavras “grande”, “potências” e finalmente na linha 27, o estudante erro a palavra sentimento. A palavra entre parênteses significa erro.

Estes exemplos mostram que o uso do rascunho é fundamental na escrita dos alunos do ensino médio. O rascunho deve ser aproveitado como o espaço do ensaio e de tentativas. Depois de ter a certeza da escrita o aluno pode escrever na folha do exame/da prova sem permitir que os borrões e os erros apareçam, pois eles revelam fraquezas e hesitações na construção do texto. Os estudos de Coelho e Timbane (2022, p.21) defendem que “as dificuldades da aprendizagem da escrita passam necessariamente do conhecimento da categorização gráfica e funcional, havendo necessidade de ensinar as letras de forma, deixando para que o aluno descubra no futuro as diversidades gráficas da escrita do alfabeto.”

## 5 CONCLUSÕES

Da pesquisa se conclui que a escrita é fundamental em todos os níveis de ensino. A educação formal valoriza a escrita em todas as atividades. Por isso mesmo, as provas realizadas nas escolas, nos institutos e nas universidades são geralmente apresentados na

forma escrita. Vivemos numa sociedade em que a escrita é fundamental para tudo. Na pesquisa observamos que os erros são recorrentes provavelmente pela qualidade do ensino em que a GB está exposto. Avançamos a hipótese de que os erros aparecem porque os alunos não aproveitam os rascunhos para ensaiar a escrita. Ao escrever diretamente na folha da prova assumem o risco de cometer borrões, de cometer todo tipo de erro.

Os dados da pesquisa mostram que os erros por falta de acentos e til e erros por falta ou troca de letra foram os mais recorrentes. Esta questão pode ser resultado do desconhecimento da escrita dessas palavras. Há palavras de alta frequência de uso. Não se justifica que haja erros nessas palavras. Os erros que aparecem nas redações analisadas podem ser sanados no ensino secundário, desde que os professores promovam atividades da escrita na 10<sup>o</sup>, 11<sup>o</sup> e 12<sup>o</sup> ano do ensino secundário. O ensino secundário na GB deve valorizar bastante a escrita podendo os professores atuar de forma coletiva. Que as atividades de correção ortográfica não sejam apenas para os professores de língua portuguesa. Entendemos que os professores das outras disciplinas devem participar e contribuir para a melhoria da qualidade da escrita dos alunos do ensino secundário. Isso significa que os professores de História, de Geografia, de Química, de Biologia, etc. devem ajudar os alunos nas suas produções escritas. Para isso é necessário que a escola seja colaboradora e participante. Não é justo que sejam apenas os professores de língua portuguesa, os culpados pela fraca produção escrita dos alunos no ensino secundário.

Uma vez que o uso do novo AO é novo seria importante que os professores trabalhassem a sua escrita em sala de aulas em todas as disciplinas. É preciso mostrar aos alunos a escrita correta e as ambiguidades que fazem parte da escrita. Nesta pesquisa observamos erros inadmissíveis para estudantes do ensino médio/secundário. Esses problemas podem ter origem no ensino primário. Quando o ensino primário tiver fraqueza na aprendizagem da escrita, esses problemas podem ser arrastados para as classes seguintes chegando ao ensino superior.

Conclui-se que o trabalho do ensino da escrita é fundamental para o desenvolvimento acadêmico do estudante. O estudante só avançará seguro e com qualidade se souber colocar suas ideias no papel por meio da escrita. As dificuldades na escrita podem impedir esse avanço. Quando se fala de analfabetos funcionais inclui-se pessoas com um determinado diploma, mas que suas habilidades de escrita não correspondem a esse nível. Coelho e Timbane (2022, p.23) aconselham que os professores podem ajudar as outras crianças que não frequentaram as creches a ter um conhecimento igual as outras que frequentaram, ajudando a despertar as habilidades para a alfabetização através das escolhas de texto que fazem parte da

realidade social da criança, canções que contêm repetições silábicas e técnicas de escrita. Ensinar a criança a codificar e decodificar não a cópia e repetição do que já está escrito como nos vimos nos manuais analisados. É preciso ensinar o valor que cada letra tem isoladamente, dentro da sílaba, dentro da palavra e depois dentro da frase.

O presente artigo teve como finalidade identificar os principais erros da escrita nas redações dos estudantes do ensino médio na GB, além disso apresentar sugestões metodológicas para a prática da escrita. Conseguimos apresentar os principais problemas observados em redações dos alunos guineenses. Na pesquisa foi possível analisar os erros na escrita das redações de alunos guineenses de ensino médio ingressantes na UNILAB no ano de 2022. A partir das redações descrevemos os principais erros cometidos pelos alunos guineenses nas redações e propusemos estratégias para melhoria da escrita da redação dos estudantes do ensino médio sugerindo propostas de ensino aos professores.

A primeira hipótese da pesquisa ficou confirmada porque nas redações observamos as dificuldades que ensino médio guineense enfrenta no tocante ao ensino da produção escrita. A segunda hipótese da pesquisa se confirmou porque os alunos do ensino médio na GB cometem erros nas redações porque não dominam o novo AO (6%) que não é ensinado de forma sistemática nas escolas do país. Neste caso, sugere-se um trabalho permanente para que os alunos conheçam e usem o novo AO. A terceira e última hipótese não se confirmou porque nas redações ocorreu menos erros deste tipo. Apenas 9 casos (2%) de erros de pontuação foram identificados. No futuro pretendemos desenvolver este estudo analisando redações de outras nacionalidades para se compreender se este problema da escrita ocorre apenas na GB ou também afeta estudantes de outras nacionalidades que entram na UNILAB. Se a resposta for positiva, as disciplinas de LPT e Metodologia devem ser mais rigorosas no sentido de promover mais atividades para que os estudantes da GB possam superar as dificuldades que trazem do ensino secundário. Resolvendo este problema estaríamos promovendo uma ótima qualidade de textos que serão produzidos pelos estudantes da UNILAB.

## REFERÊNCIAS

ALVARES, Maria. **Introdução à investigação quantitativa e análise SPSS**. Lisboa: Magé, 2021.

AMORIM, Welma Wildes Cunha Coelho, et al. "Neurofisiologia da escrita: O que acontece no cérebro humano quando escrevemos?" **Neuropsicológica Latinoamericana Cartagena**, Vol.8, nº1, p.1-11. 2016.

ANDRADE, Leila Minatti. A escrita, uma evolução para a humanidade. **Revista Linguagem em(Dis) curso**. Santa Catarina, Vol.1, nº 1, p.1-4, 2000.

CA, Imelson Ntchala. **Abordagens de ensinar português língua segunda no contexto guineense de ensino médio e superior**. 2019. 148f. Dissertação. Instituto de Letras, Departamento de LínguasEstrangeiras e Tradução, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Brasília, 2019.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu**. São Paulo: Scipione, 1999.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 2009.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização e ortografia. **Educar**, Curitiba, n. 20, p. 43-58. 2002. EditoraUFPR

COELHO, Alzira; TIMBANE, Alexandre António. Metodologia do ensino da escrita em manuais escolares do ensino privado na Guiné-Bissau. *In*: SANTOS, Deivid Alex dos; SPUZA, Adelene de.; COSTA, Herika Cristina Oliveira da. (Org.). **Educação em perspectiva: reflexões entre a teoria e a prática**. Itapiraga: Schreiben, 2022, p. 9-27.

CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. **O modo heterogêneo de constituição da escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

COSTA, Rosimeri Claudiano da; SILVA, Renato; VILAÇA, Márcio Luís Corrêa. A evolução e revolução da escrita: um estudo comparativo. **Revista de Estudos Filológicos e Linguísticos**. Vol.17,nº11, p.121-129, 2013.

COULMAS, Florian. **Escrita e sociedade**. São Paulo: Parábola, 2014.

GOMES, Braima. **Dificuldades de aprendizado da língua portuguesa na Guiné-Bissau: uma questão de políticas e planejamentos linguísticos**. 2021. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2021.

HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita**. São Paulo: Parábola, 2003.

IÉ, Ivo Aloide. **Desafios do ensino escolar da Guiné-Bissau na perspectiva do letramento**. 2018.63 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2018.

MARCUSHI, Luiz Antônio. Oralidade e escrita. **Revista Signótica**. Goiás, Vol. 9, nº 1, p. 119-146,1997.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis; CAGLIARI, Luiz Carlos. **Diante das Letras: a escrita na alfabetização**. São Paulo: Mercado de Letras, 2008.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas. Pesquisa quantitativa e/ou qualitativa: distanciamentos, aproximações e possibilidades. **Revista Sustinere**. Rio de Janeiro, Vol.7, nº2, p.414-430, jul.-

dez. 2019.

NAMONE, Dabana; TIMBANE, Alexandre António. Tensão entre escrita e oralidade no ensino aprendizagem do português na etnia balanta brassa (Tombali) da Guiné-Bissau. **Revista Entre Parênteses**. Vol.4, nº7, p.1-32, 2018.

RADIO OKAPI. **RDC: L'inventeur de l'écriture mandombe élevé au rang de Docteur Honoris Cau**.2011. Disponível em: <https://www.radiookapi.net/culture/2011/12/22/rdc-linventeur-de-lecriture-mandombe-eleve-au-rang-de-docteur-honoris-causa> Acesso em: 14 nov.2024.

RICARDO, Maria Manuel Calvet. “Breve história do Acordo Ortográfico.” **Revista lusófona de educação**. Campo Grande, Vol.13, nº13, p.173-180, 2009.

RODRIGUES, Faustino Manuel. Desigualdade de acesso escolar e avaliação de política públicas educacionais na GB: desafios e avanços. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, Vol.24, nº12,9 abr. 2024. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigo/24/12/desigualdade-de-acesso-escolar-r-avaliacao-de-politicas-publicas-educacionais-na-guine-bissau-desafios-e-avancos>

SAMPAIO, Adovaldo Fernandes. **Letras e memória: uma breve história da escrita**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009, p.14-74.

SILVA, Ana Paula Araújo. Breve história da ortografia portuguesa: períodos, reformas e acordos. **Revista de Villegagnon**, Baía de Guanabara, nº 4, p.58-63, 2009.

SOARES, Magda. **Alfabetrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto,2018.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora,2009.

SOUSA, Priscila. Equipe editorial de Conceito.de. (21 de janeiro de 2014). Atualizado em 9 de agosto de 2022. Acordo - O que é, conceito e definição. Conceito.de. <https://conceito.de/acordo>

TIMBANE, Alexandre António; SOUZA, Lucas Pereira dos Santos. A complexidade da escrita em contexto multilíngue: metodologias e estratégias de ensino. **Revista Interfaces**. Guarapuava-PR, Vol.9, nº3, p. 114-131, 2018. Disponível em: [https://revistas.unicentro.br/index.php/revista\\_interfaces/article/view/5514/3837](https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/5514/3837) . Acesso em: 15 nov.2024.

TIMBANE, Alexandre António; UAECA, Florinda Zacarias Muhate. A problemática do ensino da escrita do português em Moçambique: da teoria à prática do professor. **SEDA - Revista de Letras da Rural/RJ**, vol. 3, p. 96-112, 2018.

TIMBANE, Alexandre António; WASSE, Hercinia Chena Azarias. A evolução histórica da ortografia do português em jornais brasileiros do século XIX. In: TIMBANE, Alexandre António; SASSUCO, Daniel Peres; UNDOLO, Márcio Edu da Silva (Org.). **O português de/em Angola: peculiaridades linguísticas e a diversidade no ensino**. 1ed. São Paulo: Editora

Opção, 2021, p. 239-260. Disponível em:

<https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/2305> . Acesso em: 15 nov. 2024

UNICEFF. **Folha de dados da educação da Guiné-Bissau**. Bissau, s.e., 2021.

XAVIER, Lola Geraldés. A língua portuguesa em evolução: os Acordos Ortográficos. **Exedra:Revista Científica**, Coimbra, nº 1, p. 175-184, 2009.

ZAU, Filipe. Acordo Ortográfico. In: **Jornal África** (11/10/2018). Disponível em:

<https://youtu.be/ZGyPEa-9P9A?si=Gc86SAVwLMgPrjZl> Acesso em: 15 nov. 2024.